

13

12 . III . 58 . 17,30 H.

cine clube
universitário

VALE FORMOSO

o vagabundo dos sonhos

Argumento, adaptação, diálogos e realização: René Clair . Colaboradores na adaptação: P. Borillet e J. P. Gredy . Música de Georges Van Parys . Décors: Léon Borsacy . Assistente de realização: M. Boissond . Fotografia: Armand Thirard . Montagem: Louissette Hantecoeur e D. Nactot . Vestuário: Rosine Delamore . Intérpretes: Gerard Philipe (Claude), Magali Vendeuil (Suzanne), Gina Lolobrigida (Leila), Martine Carol (Edmée), Morilyn Bufferd (M.^{me} Bonacieux), Raymond Bussieres (Roger), Jean Paredes (Paul), Bernard Lajarrige (Léon), Raymond Cordy (Gaston e o Marquês), Palon (o velho senhor), Paolo Stoppa (o director da ópera) . Produção de Léon Corre-França, 1952 . Distribuidor em Portugal: Talma Filmes.

Prémio da Crítica do Festival de Veneza de 1952

Primeiro prémio do Cinema Francês

RENÉ CLAIR — o realizador

Quem é René Clair ?

Primeiramente René Clair é um pioneiro, um dos temperamentos cinematográficos que contribuíram para dar à 7.^a arte os seus títulos de nobreza. Começou na profissão como actor. Depois tornou-se assistente de Louis Feuillade. O seu primeiro filme é já uma «feérie»: «Paris dort», e contém os germens da sua futura obra: O irreal, a perseguição, e uma certa complacência enternecida ante Paris que em seguida se tornará populismo cor de rosa. Mas é «Entracte» curta metragem de inspiração e de feitura da-deista, que se determinaram não somente as tendências mas também os processos cinematográficos de René Clair. Clair distingue-se pelas suas tentativas: partir dum argumento confuso, de preferência inverosímil, complicá-lo com incidentes cómicos, que se entrecortam e se ramificam, mas conserva sempre a direcção das personagens e das situações. Esta lucidez, esta faculdade de dominar as situações complicadas e de as ordenar segundo um ritmo implacável, dão ao estilo de René Clair o seu saber e o seu tom. Por causa desta mestria, deste rigor minucioso duma ideia arbitrária do seu raciocínio frio e do seu espírito lúcido, tem-se querido reconhecer em René Clair uma total ausência de sensibilidade, um coração seco. Por isso também todos se apressam a afirmá-lo que as suas obras não contêm nada, que são apenas obras dum técnico diabòlicamente hábil. Isto é desconhecer em sorriso sub-entendido, esse calor lento que por vezes se filtra dos seus filmes, esse apelo de um optimismo discreto apenas convencido e logo a seguir cortado por uma inteligência aguda que o faz ser céptico em nome da própria razão.

E então torna-se satírico...

GILBERT SALACHAS (in «Télé-Ciné»)

LES BELLES DE NUIT — o filme

Se, antes de o verem, quiserem saber o que o filme que vos apresentamos, comecem por abrir o Dicionário Larousse. Aprenderéis aí que a Belle-de-Nuit é uma planta da família das nictagináceas cujas flores apenas se abrem à noite, após o pôr do sol.

Aí aprenderéis igualmente que o mesmo nome designa o rouxinol da ribeira que tem o hábito de cantar à noite nos roseirais, ao menor ruído que perturbe o seu repouso. Abri em seguida os pensamentos de Pascal, encontrareis as linhas seguintes: «Se todas as noites sonhássemos com a mesma coisa, ela significaria tanto para nós como os objectos que nós vemos todos os dias. E um artifice estivesse certo de sonhar todas as noites, durante doze horas, que era rei, creio que ele seria quase tão feliz como um rei que sonhasse todas as noites, que era artifice». Conheceis já o essencial das nossas BELLES-DE-NUIT. Mas às referências que acabamos de fazer, convém juntar uma nota: no nosso tempo, muitos autores julgar-se-iam culpados se a menor de suas obras não pretendesse resolver qualquer grave problema ou, pelo menos, descrever determinada realidade sombria. É por isso que sentimos um certo embaraço em confessar que o nosso filme não é uma obra séria e que a sua única pretensão é divertir. De todas as épocas que evoco parece-nos que é a nossa que tem a maior necessidade de divertimento. Admitimo sem custo que apenas procuramos divertir-vos ao vos contar em LES BELLES DE NUIT uma aventura imaginária que não procura provar seja o que for, que não mantém nenhuma tese e que numa palavra, é tão perfeitamente inútil como um rouxinol ou como uma flor que tem o mesmo nome.

RENÉ CLAIR

« L e F i g a r o L i t t è r a i r e »

A obra de René Clair é um ballet de imagens e é isso «O Vagabundo dos Sonhos» do princípio ao fim. O cinema é aqui um ballet, mas ballet que não é imediatamente decifrável. Esta coreografia não deixa como a outra, uma grande margem de liberdade à interpretação. Dirige os nossos sonhos ao mesmo tempo que os do herói, cuja frigidia contextura, captada nas imagens, é levemente materializada perante nós, mas sem nada perder da sua imprevisível fantasia. Existe nisso uma regressão para os únicos espectadores que, sem compreenderem a linguagem cinematográfica senão palavra a palavra tomam por assim dizer o que o autor lhes mostra absolutamente à letra. Porque, para quem sabe ler no écran, o momento da evasão quase não recua. Em qualquer arte, desde a própria dança que se torna narração, até à pintura, o poeta dá um tema. A nossa alegre exaltação pelo «Vagabundo dos Sonhos» vem menos daquilo que Clair nos mostra do que daquilo que sugere. Assim também, a transfiguração refaz, como na maior parte dos casos acontece com ele, a partir do próprio «decor» que se pretendeu fosse tão pouco realista quanto possível. Os exteriores se os há, são tanto quanto possível desmaterializados. Estamos no domínio da fantasia pura. A isto se presta o assunto escolhido, a meio caminho entre a realidade e o sonho — não sendo a realidade o que há aqui de menos transposto. E nisso reconhecemos o estilo de René Clair.

CLAUDE MAURIAC

« R a s s e g n a d e l F i l m »

«O Vagabundo dos Sonhos» surge como um filme celebrativo, como uma antologia exauriente de todo o Clair; o surrealista de ENTRACTE (1924) e o romântico de O SILÊNCIO É DE OURO (1946), o coreógrafo de

O MILHAO (1931) e o profissional dos filmes rodados na América (CASEI COM UMA FEITICEIRA - 1942; AMANHÃ ACONTECEU - 1943 etc.). Fica de fora o Clair ambicioso e falsamente interessado de O PREÇO DA JUVENTUDE (1950) em relação ao qual Clair de «O Vagabundo dos Sonhos» é mais ágil e arguto. Nenhuma mensagem é procurada no seu novo filme que pretende apenas meter a ridículo um velho lugar comum: o elogio do passado como época ideal. A comédia dos sonhos e da realidade, como sabem, é architectada de modo a conduzir o protagonista a uma simples conclusão, realmente um pouco óbvia: os tempos dourados do passado existem apenas na fantasia dos velhos e a felicidade, se for verdadeira, não está nos sonhos mas na vida cotidiana. Ao compor garbosas variações sobre este tema, Clair exhibe, um pouco nas montras, a sua habilidade e a de colaboradores famosos.

TULLIO KEZICH

« C a h i e r s d u C i n é m a »

O caso de «O Vagabundo dos Sonhos» é mais complexo do que o dos filmes precedentes, não está somente no prolongamento natural de obra de René Clair, é marcado por um regresso ao estilo dos seus filmes mais célebres, agora com vinte ou mais anos e contudo testemunha um poder criador e uma faculdade de renovação que fazem dele uma das suas obras mais originais.

A originalidade de «O Vagabundo dos Sonhos» está em adoptar imediatamente uma perspectiva irrealista. A personagem do músico da província jovem e belo, que dá lições de piano; os seus amigos, o agente, o garagista e o empregado de café; até o quadro do «Grande Café» com a sua magnífica caixeira, elementos que mesmo antes da intervenção do maravilhoso, colocam o espectador num mundo cinematográfico que ele cada vez encontra

menos: o da estilização. Mas a estilização, essa tentação dos principiantes, só triunfa pelo milagre de um estilo. Com «O Vagabundo dos Sonhos» esse milagre produz-se.

J. C. TALLENAY

Filmografia de RENÉ CLAIR

«Paris que Dorme» — 1923; «Entre Acto» — 1924; «O Fantasma do Moulin Rouge» — 1925; «A Viagem Imaginária» — 1925; «A Vítima do Vento» — 1926; «A Torre» — 1926; «Um Chapéu de Palha de Itália» — 1927; «Os Dois Timidos» — 1928; «Sob os Telhados de Paris» — 1930; «O Milhão» — 1931; «Viva a Liberdade» — 1932; «14 de Julho» — 1933; «Paris que Ri» — 1934; «O Último Milionário» — 1935; «Vende-se um Fantasma» — 1936; «O Morto que Foge» — 1936; «Falsas Notícias» — 1936; «Ar Puro» — 1939; «Paixão Fatal»; «A Condessa de Nova Orleães»; «Casei com uma Feiticeira» — 1943; «Para Sempre»; «Aconteceu Amanhã» — 1944; «O Convite para a Morte» — 1944; «O Silêncio é de Ouro» — 1947; «O Preço da Juventude» — 1948; «O Vagabundo dos Sonhos» — 1952; «As Grandes Manobras» — 1955; «A Porta dos Lilazes» — 1956;

Para a elaboração deste programa foram utilizados elementos de programas existentes no C. C. U.

Programa Coordenado por FERNANDO LEAL MACHADO

Tip. do Carvalhido - Porto — 750 ex. — 3-958

D-EPH/A2-1027

HP